EDUCAÇÃO
V.13 • N.2 • 2026 • Publicação Contínua

ISSN Digital: 2316-3828
ISSN Impresso: 2316-333X
DOI: 10.17564/2316-3828.2026v13n2p320-336

INTERFACES CIENTÍFICAS

MEDIAÇÃO LITERÁRIA PARA PROFESSORAS: O QUE IMPORTA É LER LITERATURA PARA A VIDA

LITERARY MEDIATION FOR TEACHERS: WHAT MATTERS IS READING LITERATURE FOR LIFE

MEDIACIÓN LITERARIA PARA PROFESORAS: LO QUE IMPORTA ES LEER LITERATURA PARA LA VIDA

Alexandra Santos Pinheiro[1]
Flávia Brocchetto Ramos[2]

RESUMO

A formação continuada de professores é demanda da Educação Básica e, neste texto, elege-se a mediação de leitura literária. A reflexão provém de formação continuada com docentes de um Centro de Educação Infantil Municipal (CEIM-Dourados/MS). Para discutir aspectos do vivido numa formação, com as obras *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus, e Tchau, de Lygia Bojunga, elege-se escrita sensível acerca da mediação. O texto aqui apresentado assume tom ensaístico na forma de cartas dirigidas ao professor Antonio Candido. A partir de Candido (2002, 2011), destaca-se importância de fomentar mais espaços de mediação literária para docentes que atuam na Educação Básica. Sobrecarregadas com carga horária e com tarefas familiares, as professoras relegam a leitura literária e aprendizagens que advém delas e, consequentemente, a partilha da literatura na docência fica escassa. Resultados demonstram que a mediação [cultural/leitora] com docentes gera tempo de fruição, de elaboração de temas cotidianos e psíquicos e pode contribuir para promover mudanças em suas práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores. Mediação de leitura literária. Educação Básica, Pesquisa-formação.

ABSTRACT

Continuing teacher education is a demand of Basic Education, and this article focuses on the mediation of literary reading. The reflection emerges from continuing education with teachers from a Municipal Early Childhood Education Center (CEIM-Dourados/MS). To discuss aspects of the experience in this training, using Quarto de despejo (Jesus) and Tchau (Bojunga), a sensitive writing style about mediation is chosen. The text presented here takes on an essayistic tone in the form of letters addressed to Professor Antonio Candido. Based on Candido (2002, 2011), the importance of fostering more spaces for literary mediation for teachers working in Basic Education is highlighted. Overburdened with workload and family tasks, teachers neglect literary reading and the learning that comes from it, and consequently, the sharing of literature in teaching is scarce. Results demonstrate that [cultural/reading] mediation with teachers generates time for enjoyment, for elaboration on everyday and psychological themes, and can contribute to promoting changes in their pedagogical practices.

KEYWORDS

Teacher training; literary reading mediation; Basic Education; research-training.

RESUMEN

La formación permanente del profesorado es una exigencia de la Educación Básica, y este artículo se centra en la mediación de la lectura literaria. La reflexión surge de la formación continua de docentes de un Centro Municipal de Educación Infantil (CEIM-Dourados/MS). Para abordar aspectos de esta experiencia formativa, se utiliza *Quarto de despejo,* de Carolina de Jesus, *Tchau*, de Lygia Bojunga, empleando un estilo de escritura sensible sobre la mediación. El texto aquí presentado adopta un tono ensayístico en forma de cartas dirigidas al profesor Antonio Candido. Basándose en Candido (2002, 2011), se destaca la importancia de fomentar más espacios para la mediación literaria entre el profesorado de Educación Básica. Sobrecargados por el trabajo y las responsabilidades familiares, los docentes relegan la lectura literaria y el aprendizaje que de ella se deriva, lo que provoca que la difusión de la literatura en su práctica docente sea escasa. Los resultados demuestran que la mediación [cultural/o lectora] con el profesorado genera tiempo para el disfrute, para la reflexión sobre temas cotidianos y psicológicos, y puede contribuir a promover cambios en sus prácticas pedagógicas.

PALABRAS CLAVE

Formación docente. Mediación en lectura literaria. Educación básica. Investigación-formativa.

1 LITERATURA CONVIDA AO DIÁLOGO. PUXANDO CONVERSA

Vivir sin leer es peligroso, te obliga a creer en lo que te digan (Mafalda)

A literatura faz parte da nossa vida e desejamos partilhar com outros aquilo de que gostamos. Talvez esse seja o maior motivo por termos escrito este texto. E por termos escrito a partir de escolhas discursivas, pensamos nós, que favoreçam a interlocução com o leitor: uma conversa feita por carta e movida por nossa biblioteca interior.

Para este artigo, apresentamos tópicos de uma Formação Continuada realizada, presencialmente, com duração de 60 horas, em 2024, com 28 professoras de um Centro de Formação Infantil da cidade de Dourados, interior de Mato Grosso do Sul. O manuscrito busca atender ao nosso desejo de formação de professoras já anunciado no livro que organizamos chamado Literatura e formação continuada de professores (Pinheiro; Ramos, 2013). Tomamos como ponto de referência a importância de oferecer aos docentes o tempo da fruição, o tempo da leitura literária, o tempo para a reflexão de si e do outro.

Os encontros literários presenciais realizados ao longo da formação exploraram a literatura, e o recorte de obras literária deu-se por meio de um diário e dois contos. O diário escolhido, ou que nos escolheu, foi a vida de Carolina Maria de Jesus (2014), a catadora de papel que fez da escrita, no Quarto de despejo, sua resistência à labuta da vida. Os contos selecionados, inventam a vida no confronto entre Rodrigo e Tuca, personagens do conto “O bife e a pipoca”, e Rebeca, do conto “Tchau”, ambos de Lygia Bojunga (2014). A formação continuada, tratada aqui como pesquisa-formação, contemplou também o tempo da expressão escrita (uma conversa mais íntima com a literatura), para que as docentes pudessem, diante do papel, narrar suas existências.

Em uma espécie de homenagem ao homem-pesquisador Antonio Candido, aquele que dedicou seu trabalho à literatura e à vida social, os resultados aqui apresentados estão postos em formato de carta. Uma carta ao estudioso que nos fez compreender ser a literatura um direito, um bem incompressível. Os desafios que muitos docentes da Educação Básica tiveram que enfrentar para cursar Ensino Superior e os atravessamentos de uma vida profissional mal remunerada, com salas superlotadas, com carga horária (em especial em Língua Portuguesa que não prevê o tempo de leitura das escritas dos seus alunos), com escolas com precária estrutura física e sem o tempo da leitura fruição são tomados por nós como “barbáries” de uma sociedade que se modernizou, que se tornou tecnológica, mas que segue orientada por injustiças sociais e econômicas.

A carta também, entendemos, é um texto mais leve e que favorece a conversa com as leitoras almejadas – professoras de Educação Básica. Este capítulo, em síntese, conversa com Antonio Candido, e deseja

também conversar com toda pessoa que ainda se comove com as "barbáries" e que mantém a energia da luta diária por um cenário mais humanizado para a vida escolar e social de todo cidadão/cidadã.

Antonio Candido nos alertou que a função da literatura está ligada à sua complexidade (Candido, 2011, p. 178-179). Ao explicar as nossas posturas contraditórias, o texto literário nos nutre de humanidade. E faz isso por meio da criação de objetos autônomos, os quais têm estrutura e significado. E, mais, trata-se de uma forma de expressão que manifesta emoções e visão de mundo individuais e grupais. Também se manifesta como uma forma de conhecimento contemplando o difuso, o inconsciente. Tomamos a liberdade de tentar transformar parte muito potente da sua escrita na figura que segue, porque, como videntes que somos, a visualidade nos ajuda a entender.

Figura 1 – Singularidades da Literatura



Fonte: Elaborada por Karina Feltes Alves com base em Candido (2011).

2 CARTA AO MESTRE

Estimado Antonio!

Antonio, ainda lemos com paixão e com desejo de colocar em prática suas ideias. Aquela sua conferência realizada em 1972, na IV Reunião Anual da SBPC (São Paulo, julho de 1972), chamada "A literatura e a formação do homem", e que no mesmo ano foi publicada na revista Ciência e Cultura (nº 9, vol. 24, São Paulo, set.1972), reverbera tanto no meio acadêmico como na Educação Básica! Esse tema não envelheceu. Ainda é fresco, tem vigor e segue sendo discutido. Nós aqui pensamos que continua sendo debatido porque, além de ter potência, precisa ser de fato materializado em todos os rincões, pantanais, quebradas do nosso País.

Naquele texto, você (Candido, 2002) falou da função humanizadora da Literatura. Parece óbvio! Se a literatura conta ações humanas possíveis como nos ensinou Aristóteles, seria claro - como nos aparece ao nosso redor num dia ensolarado - que fosse humanizadora. Mas você nos explica, porque seria humanizadora. Você nos diz que a Literatura tem a capacidade "de confirmar a humanidade do homem". Como assim? A arte literária teria esse papel de nos auxiliar a nos vermos como seres humanos? Será que temos dificuldade de nos percebermos como humanos? E fica uma questão: as escolas poderiam pegar para si essa função de apoiar os estudantes se verem como humanos?

Pois é, nós, que tomamos a escrita desse texto para nós - a partir de um convite e do desejo de darmos as mãos – duas professoras que gostamos de ler literatura e de partilhar leituras, começamos a pensar como seria isso. Como a literatura confirmaria nossa humanidade? [A vida e o mundo acadêmico são cheios de perguntas] Para fazer esse exercício, pedimos licença, te deixamos de lado (um pouquinho), porque o que nos interessa mesmo é a tal da arte literária. E agora, Antonio, tomando seus escritos, vamos conversar com Carolina de Jesus e Lygia Bojunga.

Vamos pensar sobre o que narrativas literárias – de Carolina foi publicado em 1960 e o de Lygia em 1984 – têm feito na nossa vida e na vida de professoras da Educação Básica que comparecem às formações continuadas ministradas por nós. A pergunta que mais nos move neste texto é mais ou menos a seguinte: Como promover uma mediação literária que respeite o contexto de vida e professional de docentes da Educação Básica?

E como essa carta está ficando longa, vamos fazer uma pausa. Pode levantar os olhos do texto, tomar uma água, olhar o céu!

POUSO 1: ROUPAS NO CHÃO, NA MALA OU LAVADAS TAMBÉM SÃO MATÉRIA LITERÁRIA

Por que pouso? Ler literatura é de certa forma um pouso. A palavra pouso nos lembra movimentos dos pássaros que pousam (não param) e voam. (Quintana, no poema "Pássaros" fala também disso). Pássaros estão quase sempre em movimento (ler literatura gera movimentos no nosso ser)! O pouso é entendido como uma breve parada. Um tempo para descanso, para nutrição! No pouso, há partilha. Pousamos em obras de duas brasileiras e partilhamos um pouco da repercussão desses textos em nós e nas nossas colegas professoras presentes nas formações:

> [...] eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (Jesus, 2014, p. 28).

> Rodrigo ia olhando cada barraco, cada criança, cada bicho, vira-lata, porco, rato, olhando tudo o que passava: bonito? estrela? Cadê? [...] E aquele cheiro de lata de lixo? Não ia passar não? E toca querer assobiar pra disfarçar o susto de ver tanta gente assim vivendo tão feito bicho (Bojunga, 2014, p. 71).

> - Que nome esquisito.
> - Ele é grego.

> - Grego? E você entende o que ele fala?
> — A gente conversa em francês. Rebeca ficou olhando pro castelo desmanchado. Depois de um tempo suspirou: — E ainda mais essa! Com tanto homem no Brasil. (Bojunga, 2014, p.28).

A luz do sol chega para todos nós e ilumina o entorno. Contudo, por vezes, o que clareia para vermos e significarmos pode ser dolorido. Carolina, Antonio, escreveu o primeiro fragmento que trazemos vivendo no lugar que ambienta o enredo narrado. É um trecho de um diário. Ela escrevia colada ao vivido, escrevia o vivido e, entendemos, escrevia para viver! Carolina era uma leitora que se nutria de textos informativos e literários! Lia escritos achados.... E, em meio à luta contra a fome, a busca incessante por comida, escrevia. E escrevia bem! Seu texto ainda nos impacta e, nós, professoras, quando lemos *Quarto de despejo*, pensamos: meus alunos precisam ler! Todos precisam ler esse livro!

Rodrigo é um dos meninos que compõem o conto "O bife e a pipoca", segundo fragmento destacado acima, escrito por Lygia Bojunga. O estudante que mora em área nobre vai até a casa do colega de turma, Turíbio, o Tuca. O narrador vai descrevendo como a favela é percebida pelo menino que é um estrangeiro nesse cenário. Sente cheiro da lata de lixo, vê gente vivendo como bicho. No terceiro fragmento, Rebeca, a menina de 8 ou 9 anos do conto "Tchau", também de Lygia Bojunga, depara-se com o desabafo da mãe que anuncia a separação do marido, o pai da protagonista.

A capacidade da mãe amar outro homem e a mudança da mãe para outro país precisam ser digeridos por Rebeca: "E ainda mais essa! Com tanto homem no Brasil". A personagem é de raciocínio rápido. O namorado grego da mãe – apaixonado pela mãe, não pelos filhos dela – tornaria a separação dos pais ainda mais difícil.

Carolina, na forma de diário, e Rodrigo, como personagem ficcional, revelam aspectos do quarto de despejo. Trazem odores, texturas, visões e, ao lermos, as cenas entram em nós e passam a nos constituir. Rebeca traz o desmanchar de uma vida familiar, humaniza uma mãe que deixa as crianças com o pai para viver um novo amor. Juntas, as três narrativas provocam debates literários, convidando o/a leitor/a a revisitar discursos cristalizados: desigualdade social, maternidade, divórcio, família. Muitos são os modos como os grupos se organizam no quarto de despejo mostrado no diário de uma favelada.

Relações familiares nas quais, como conhecemos por meio de historiadores que se dedicaram a compor uma história da criança na sociedade ocidental, não há separação entre fases da vida. Pessoas menores conhecidas agora como crianças participam de espetáculos como o relatado no dia 17 de julho, um domingo iluminado:

> Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O Sol está tépido. Deixei o leito as 6,30. Fui buscar água. Fiz café. Tendo só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, puis feijão no fogo que ganhei ontem do Centro Espírita da Rua Vergueiro 103. Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão estava cosido. Os filhos pediram pão. Dei os 3 cruzeiros ao João José para ir comprar pão. Hoje é a Nair Mathias quem começou impricar com os meus filhos. A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente. (Jesus, 2014, p. 42).

As relações familiares nem sempre são mansas. Por vezes, águas revoltas cercam a mãe que não tem alimento, em casa, para nutrir a si e aos filhos! Outros modos de pensar as relações familiares se manifestam. Possivelmente, na condição de filho ou filha, de mãe.... Nós e nossas professoras, Antonio, já vivemos a tensão de pensar ou pior de sentir desconforto em relação a quem está tão próximo. Tuca queria levar o colega Rodrigo para comer pipoca na sua casa. Mas cadê as pipocas? Elas só são saborosas quando são preparadas.

As pipocas estão dentro de um quarto do barraco, quarto chaveado. Cadê as pipocas? A porta é aberta. No chão, havia uma mulher caída com as pipocas também caídas ao redor. O colega de turma não come pipocas quentes e ainda vê uma cena que não agrada Tuca. A raiva! Por quê? Por que me expor desse jeito? E, assim, nós, leitoras, vamos escrevendo em nossa existência nossa leitura!

Era um quarto com uma cama, um armário velho de porta escancarada e uns colchões no chão.

> Tinha uma mulher jogada num colchão.
> Tinha uma panela virada no chão.
> Tinha pipoca espalhada em tudo.
> A criançada logo invadiu o quarto e começou a catar pipoca do chão.
> Ninguém ligou pra mulher querendo se levantar do chão.
> O Rodrigo estava de olho arregalado. (Bojunga, 2014, p. 73).

Tuca se envergonha da condição familiar. Ele era o melhor aluno da escola pública e por isso ganhou uma bolsa na escola particular. Na nova escola, contudo, se sente perdido. Não consegue acompanhar os colegas. É Rodrigo quem lhe acolhe com os olhos e lhe ensina e, nessa ação, descobre que deseja ser professor. A mãe de Tuca estava bêbada e ele com raiva diz: "Quando minha irmã tranca minha mãe daquele jeito é porque a minha mãe já tá tão bêbada que faz qualquer besteira para continuar bebendo mais, – começou a sacudir Rodrigo. – Você olhou bem pra cara dela, olhou? pena que ela não tava chorando e gritando pra você ver" (Bojunga, 2014, p. 74). A literatura inventa a vida. E a vida é assim, tudo misturado! Você tem razão, Antonio, a literatura nos ajuda espiar como ou quem somos, nos humaniza!

Como relatar o sentimento do ingresso de alguém em ambiente sofisticado? Como contar o sentimento de alguém que tem sua vida – fragilizada – revelada ao outro? Como vivemos a dor de Tuca frente ao novo colega que vem ao seu casebre? Colocamo-nos no lugar de Tuca e de Rodrigo. Sentimos a dor de ambos. Não é só Tuca quem sofre!

Conhecemos as inquietações de Carolina pelo seu diário. Conhecemos os sentimentos de Tuca e de Rodrigo por dois narradores que, artisticamente, se mesclam: cartas de amigo manuscritas por Rodrigo e endereçadas ao amigo Guilherme que se mudou para Pelotas e pelo narrador onisciente que conta em terceira pessoa. No conto de Lygia, temos duas vozes que compõem as cenas. No diário de Carolina, uma voz ecoa em todo o livro. Em ambas as histórias, somos nós, leitores, que escolhemos os pousos e os voos. Nossos repertórios, nossas histórias de vida nos obrigam parar, seguir, levantar a cabeça! Vamos tomar um tereré ou um chimarrão ou um chá! Afinal, Antonio, porque importa é ler literatura para a vida!

POUSO 2: SOBRE (AS) FACES DA LITERATURA

Antonio, tuas ideias ainda nos desacomodam a cada leitura. Elas nos trazem a lembrança de um francês que você certamente conheceu (nós duas só o conhecemos por meio de leituras. Você lembra do Roland Barthes – íntimo nosso, passeia em todos os cômodos aqui das nossas casas. Vai até ao supermercado dentro das nossas sacolas de pano. Ele escreveu bastante sobre a leitura literária e num dos seus textos disse, ou melhor, nos autorizou a ler levantando a cabeça. Teus textos, Antonio, não são literários, mas são tão intensos que nós, ao lê-los, levantamos a cabeça.

Nessa mesma conferência que você proferiu um 1972, porque esse texto antes de ser publicado foi uma palestra, você começa nos enredar dizendo que quando lemos literatura, tendemos a olhar ou para a história ou para a estrutura. Não para a história e estrutura. Como se vivêssemos num eterno isto ou aquilo e não os dois – isto e aquilo. Mas essa questão foi posta pela nossa poeta Cecília. Você lembra?

Você nos alerta de que a obra literária tem faces, mas que é literária! Estranho, contudo, precisamos pontuar isso. Leite é leite! Terra é terra! Literatura é literatura! E se é literária não tem, porque nos acercarmos dela como se fosse um texto científico. Há que se respeitar sua natureza! Então não serve esse tal de estudo que se aprisiona na estrutura do texto a partir de outro modelo, a partir de outra estrutura. E sobre a história você nos sinaliza que colocaria a obra num cenário mais dinâmico, como se estivesse integrada a uma rede de sentidos.

Ao sublinhar que a literatura é uma experiência humana, mas também um objeto autônomo, nossa cabeça se eleva do teu texto. Sabe, tem algumas experiências humanas que a gente quer esconder, fazer de conta que não existem. E nessa tentativa de apagamento de ações humanas que não queremos expor, ousamos retirar obras literárias das escolas. Em defesa de algo, ousamos colocar livros na fogueira. Estranho, porque a literatura é um objeto autônomo (ah, essa era uma das três faces da literatura). Se é autônomo, não está colado na realidade, não conta o que de fato aconteceu. Então por que censurar, por que não deixar o outro ler?

A caça aos livros ultrapassa os tempos. A obra infantil de Lobato foi jogada na fogueira porque o autor era acusado de ser comunista. Mais recentemente, não se quer a obra do mesmo escritor, porque o acusamos de racista. *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, também não pode ser lido. Há até quem acuse Raquel, personagem de *A bolsa amarela* (editado em 1976), de incentivar a homossexualidade. Livro indigesto por alguns, porque Raquel é uma menina que quer ser menino. Na década de 1970, quando o livro foi publicado, ser homem era um passaporte para alguns papéis não aceitos para mulheres. Vivíamos uma sociedade mais machista do que hoje, na qual os meninos tinham mais direito do que as meninas. Estamos inclinadas a pensar que o sentido está, de fato, em quem lê! Será?

Em 2023, arrumamos tempo para polemizar e censurar *O avesso da pele*. Por quê? A polêmica começou porque havia uma descrição de atos – que gostamos – mas que os jovens não devem ler. Cena de sexo! Em outros tempos, nós líamos livros de Jorge Amado como *Tereza Batista cansada de guerra* e *Tocaia Grande* e ninguém ligava. Por que **objetos autônomos** que trazem **experiências humanas** são banidos das escolas, esse lugar formativo? Porque talvez, enredadas pela naturalização de discursos falsos, moralistas, as professoras, em uma estrutura escolar e em uma dinâmica doméstica, que lhes

quita o tempo da leitura por fruição, tenham se esquecido de que a literatura é autônoma. É invenção! Sim, a vida é complexa! E a literatura artisticamente inventa!

Mas, quase sempre, essa tal de vida vivida é tratada na literatura com singeleza que nos ajuda a nos pensar, a pensar nas nossas relações com os outros. Como se dão os nossos encontros com o outro? O conto de Bojunga mostra o encontro que se dá pelo olhar, textualizado com emoção e simplicidade:

> O olho de Tuca foi indo pro sanduíche. Quando chegou lá, quem diz que ia embora?
> O Rodrigo pegou o sanduíche, deu uma dentada e aí viu que o olho do Tuca tinha também mordido o pão.
> A boca do Rodrigo foi mastigando.
> O olho do Tuca mastigou junto.
> A boca deu outra dentada; o olho mordeu também.
> A boca foi parando de mastigar, o olho do Tuca foi ver o que tinha acontecido, deu de cara com o olho do Rodrigo. O olho do Rodrigo se assustou: foi correndo pro caderno. (Bojunga, 2014, p. 49).

Não é Rodrigo e Tuca que estão se observando. A figura de metonímia nos traz o olho e a boca como símbolo dos meninos que se descobrem. E como são nossos encontros com um dos tantos outros que temos na nossa vida? Como é o encontro da professora e dos seus alunos? E como é o nosso encontro com a professora que atua na Educação Básica? Lembramos de que você escreveu, Antonio, um livro chamado *Literatura na sala de aula*. Você também estava querendo que a arte estivesse no cotidiano da escola e, por óbvio, na vida das pessoas. Insistentemente anunciamos, sublinhamos (Neitzel; Ramos, 2022) que o texto literário é artístico, é uma produção humana, é estético - sendo arte, a literatura mobiliza nossos sentidos. Lemos com todos os nossos sentidos.

Antonio, movidas por este mesmo desejo, pela leitura literária na escola, recebemos o chamado da diretora de um Centro de Educação Infantil Municipal (CEIM), localizado em um dos tantos bairros periféricos de Dourados-MS e decidimos, de modo inquestionável, que o texto literário seria o mote dos encontros.

Em reunião, a diretora nos apresentou a escola e explicou a sua preocupação em relação ao repertório de leitura e de escrita das 28 professoras que atuavam ali. Ela estava, portanto, solicitando uma Formação Continuada diferente da que comumente se costuma oferecer aos docentes da Educação Básica, quando geralmente levamos sugestões pedagógicas para ministrar conteúdos. Ao contrário disso, a diretora solicitava uma formação focada nas profissionais e que contribuísse para que elas amadurecessem seu repertório de leitura e de escrita. Hum, leitura? Literária, tem que ser! Vamos privilegiar esse objeto autônomo.

O grupo de professoras que se dispôs a atender o pedido da escola ficou muito feliz com a abordagem. Formações pautadas em fórmulas para serem aplicadas em sala de aula, no geral, desprezam a idiossincrasia do/a professora/ e as múltiplas realidades que ele/a enfrenta. A nosso ver, as formações deveriam ser baseadas na ideia de que o profissional da educação merece receber das universidades que o formaram um acompanhamento contínuo para o amadurecimento de seus saberes e, é claro, merecem um espaço de formação que escute seus anseios.

E a universidade, nesses encontros, se nutre de realidade para poder revisitar seus objetos de pesquisa, seus currículos. A formação, portanto, é uma troca. E a formação com leitura literária tem suas peculiaridades. Ao ler literatura, não "[...] basta abrir as páginas do livro: há que se desdobrar o olhar e a sensibilidade, a fim de desnudar possibilidades desse objeto [...]" (Ramos; Marangoni; Maciel, 2017, p. 1030).

Sobre o perfil das 28 professoras, a diretora relatou que eram muito comprometidas, apesar de terem algumas limitações em relação à leitura e à escrita. Também nos avisou que somente três haviam se formado em cursos presenciais de Pedagogia, as demais fizeram faculdades à distância. Com base nas informações, foram planejados 10 encontros focados em leitura e escrita, dedicando quatro para a mediação de textos literários. Optamos por rodas de leitura/conversa e, ao final, fizemos a motivação para a escrita de uma carta.

Do ponto de vista acadêmico e no que concerne à metodologia, explicamos as escolhas que conduziram a nossa investigação. A escola foi o *locus* de investigação e o delineamento empregado foi a pesquisa-formação. Esse caminho metodológico contempla, de acordo com Nigris *et al*. (2020), uma abordagem de pesquisa que engloba envolvimento ativo e participativo com formação real feita por investigadores especializados, efetivada para e com professores e futuros professores. É um procedimento de pesquisa conjunta, voltado para a promoção da reflexão docente e para a transformação da ação educativa.

E como tratar do vivido nessa pesquisa-formação? Optamos por visitar registros a luz do objetivo deste estudo e relatar em parte, sempre em parte, a efervescência vivida e percebida, ou melhor, singularidades desses encontros. Entretanto, é preciso admitir: temos dúvidas se fomos capazes de trazer aqui, nessa escrita mais livre, a intensidade do diálogo, a maneira com que os textos literários dialogaram com a trajetória de vida das professoras e a emoção presente em suas vozes quando falavam de maternidade, injustiça social, condições do trabalho docente. Como modo de escrita, optamos pela comunicação epistolar.

Como alerta Rezende (2019, p. 1), a estética de um texto acadêmico contempla um meio de expressão e "[...] a escolha por como escrever um texto não está relacionada apenas ao molde que se é cobrado, ela é também baseada em uma biblioteca de referências que vamos nutrindo." Nesse caso, nós autoras temos uma biblioteca de literatura que vai nos ajudando a compor a conversa com as professoras. Aliás, a literatura entra no ser, fica ali repousando. Não sabemos se houve e qual foi o resultado dessas pausas literárias na prática pedagógica de cada uma delas, mas, certamente, algo aconteceu em suas vidas. Afinal, Antonio, porque importa é ler literatura para a vida!

POUSO 3: MEDIAÇÃO LITERÁRIA PARA DOCENTES: TEMPO DE FRUIÇÃO... TEMPO DE INQUIETAÇÃO

Antonio, como já dissemos, dedicamos quatro encontros para a roda literária. Os textos escolhidos pretendiam dialogar com a realidade das professoras, sem a preocupação se poderiam ou não ser aplicados em sala de aula. Assim, decidimos trabalhar com *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e com os contos "O bife e a pipoca" e "Tchau", do livro de contos *Tchau*, de Lygia Bojunga.

A escolha não foi aleatória. A escola de periferia e o grupo de docentes que encontraram no Ensino Superior à Distância a maneira de conquistar seu diploma indicavam que a temática da desigualdade social e da maternidade poderiam encontrar, em suas trajetórias de vida, um processo de identificação durante a partilha de leituras. E, ao se identificarem, elas poderiam buscar mais leituras literárias para seu tempo de ócio, de encantamento, de humanização.

E não estávamos erradas. O livro em PDF de Carolina Maria de Jesus foi disponibilizado com três semanas de antecedência do encontro de mediação, mas ninguém o havia lido. [Livro em PDF, não tínhamos um exemplar físico para cada professora] Sem perguntar sobre a trajetória de vida delas, pudemos aprender, naquele dia, que o diálogo seria feito com mulheres-professoras que vieram de famílias numerosas, com pais semianalfabetos, para quem o trabalho precedia o estudo. Mulheres que se casaram cedo para fugir de casa e que não puderam seguir com os estudos.

Mulheres mães solo, que trabalham o dia inteiro e seguem trabalhando na lida da casa e cuidando dos filhos à noite. A maioria dessas mulheres terminaram a Educação Básica na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, no exercício profissional, realizam curso superior à distância (não há tempo cronológico para dedicar um turno diário para ir a uma universidade). Todas essas informações vieram aos poucos, enquanto apresentávamos a trajetória de vida de Carolina de Jesus. Veja, Antonio, como por meio da literatura a vida vai se apresentando, se revelando.

Depois de lermos algumas páginas da obra, lembramos a estrutura de um diário e o processo memorialístico presente ali: "[..] hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer" (Jesus, 2014, p.174). A temática da fome rapidamente guiou as participações das professoras. Suas histórias de famílias numerosas, de violência e de fome se cruzaram com a de Carolina Maria de Jesus. Identidades que se espelhavam no desabafo da fome e dos sonhos abandonados: "sonhei em ser enfermeira"; "eu queria ser psicóloga"; "só deu para fazer pedagogia à distância, eu tinha que trabalhar para sustentar os filhos"; ou precisavam trabalhar para ajudar a família numerosa dos pais.

A roda de conversa mediada por *Quarto de despejo* e pela vida de Carolina Maria de Jesus foi partilha de conhecimento literário e espaço para o afeto da troca, da identificação entre elas e entre nós, professoras formadoras, marcadas também por superações econômicas, de raça e de gênero. Na semana seguinte, mais uma vez, elas não haviam lido o conto "O bife e a pipoca", de Lygia Bojunga. Apesar de se tratar de um conto curto, não conseguiram tempo para lê-lo! Por sorte, não fizemos cobrança em relação a essa ausência de compromisso com a leitura.

Por sorte porque, ao final, quando apresentarmos algumas das cartas produzidas por elas, será possível perceber que, para essas 28 mulheres-mães-esposas-trabalhadoras, tempo realmente é produto escasso. Você, Antonio, ensinou que literatura é um bem incompressível, mas a vida dura das 28 docentes presentes nos encontros insistia em argumentar o contrário.

Mais uma vez, promovemos a **leitura partilhada**. Dedicamos 30 minutos para a leitura partilhada do conto, pedimos que fossem marcando cenas ou momentos que chamassem a atenção. O olho do Tuca no sanduíche do Rodrigo e o bife derramado no tapete branco causaram risos; assim como houve profunda emoção diante da mãe bêbada do Tuca, de sua ira diante da consciência da diferença entre

ele e o amigo. O alívio diante da reconciliação entre os personagens de papel apaziguou emoções e passamos a partilhar impressões do texto. De modo especial, gostamos como elas dedicaram tempo ao texto literário, destacando a composição das personagens, a maneira com que a autora construiu uma história emocionante, mas com pinceladas de ironia e de humor.

Por serem professoras em instituição pública, na periferia, foi inevitável que falassem das condições de vida da maior parte das crianças atendidas pelo CEIM. Das crianças que voltam no dia seguinte com a mesma fralda com a qual saíram; o álcool em algumas famílias; as muitas mães solos de seus estudantes; a presença constante de drogas ilícitas. Falaram da dureza para que essas crianças alcancem um curso superior em uma universidade pública e, quando pensamos que a vida em torno do conto ficaria restrita à dura vida dos estudantes atendidos por elas, uma professora verbalizou: "de certa forma, o Tuca somos nós". A trajetória de vida de cada uma delas, mais uma vez, redimensionou a existência do Tuca de papel.

Explicamos que o próximo encontro seria baseado em uma roda de leitura de outro conto do mesmo livro, seria o conto "Tchau", que dá nome à obra de Lygia Bojunga. Pedimos que, dessa vez, tentassem ler o conto antes, que pensassem nele, que trouxessem o que mais havia tocado cada uma delas. Na semana seguinte, a maior parte delas havia lido o texto. [Será que começaram a entender que, mesmo em condições adversas, elas têm direito aos tais bens incompreensíveis?] Estavam impactadas e pareciam desejar muito partilhar a sua leitura. Desta vez, o texto literário ficou em segundo plano.

As primeiras que pediram a palavra estavam indignadas com a mãe que abandonou a filha Rebeca e o filho Donatello. Convidamos para ler o capítulo em que Rebeca se encontra com o pai no bar. Neste trecho, o pai nota, pela primeira vez, a semelhança física entre a filha e a esposa. O pai também afirma sentir-se incapaz de cuidar de duas crianças. Será que é só pai de papel? Pai e mãe falam com Rebeca, como se ela fosse uma adulta, dos seus sonhos, dos seus desejos, dos seus medos. E quem escuta os medos de Rebeca? Rebeca diz com palavras, mas também se expressa por ações como, por exemplo, quando se agarra à mala da mãe, tentando impedi-la de partir.

Voltamos a elas e perguntamos se o abandono paterno causa a mesma indignação. Silêncio. Tomadas pelo discurso crítico feminista, lembramos que a maternidade não é o que define a essência de uma mulher. O rumo da conversa foi alterado por uma professora com voz nervosa, que afirmou categoricamente que era diferente, "Se você se torna mãe, os filhos precisam ser o mais importante". Nesse momento, uma professora que até então estava em silêncio, começou a chorar. Todas ficaram em silêncio e, quando se acalmou, ela disse: "eu sou a mãe do conto".

Comovida, a professora contou sobre um casamento violento. Falou como fugiu de uma casa bonita, de um marido com posses, e recomeçou como empregada doméstica, abrigada em um quartinho na casa da patroa. Os filhos ficaram com o pai. Ela sabia que com eles o marido era carinhoso, sabia da vida dura que teria que trilhar até atingir seu objetivo: estudar, ter um diploma, conseguir um emprego melhor. Quando buscou permissão para visitar as crianças, precisou se justificar na justifica (veja a sonoridade, Antonio, das palavras), implorar que o ex-marido a compreendesse.

A mesma colega, que foi categórica em relação ao lugar de uma mãe, se levantou e a abraçou. A literatura não é pretexto, mas, naquela tarde, ela ficou em segundo plano. Diante da história de vida

daquela professora, a literatura se materializou, Antonio. Ela é um objeto autônomo, mas é também marcada por subjetividades vividas, sentidas, testemunhadas.

O quarto encontro foi dedicado à escrita. Em princípio, era para fazer uma carta a uma pessoa de quem gostassem muito, explicando como foi a escolha pelo magistério e como tem sido o processo. Algumas, entretanto, fizeram em formato de diário, a exemplo do texto que selecionamos para partilhar aqui, por meio de uma transcrição:

> Um dia como educadora
> Encontro-me em uma rotina de acordar as 4:00 da manhã para me arruma.
> Acordo as crianças, pego a bolsa e uma criança no colo e outra pela mão, fecho a porta corro até o ponto de ônibus torcendo que não venha lotado e que tenha lugar para sentar. Chego no terminal faço a troca de ônibus e sigo para meu destino final, chego às 6:00 da manhã. Porém, somente às 6:55 começo minha rotina pedagógica. Participo de um evangeleo e depois sigo para sala e assim começa a rotina: fila de crianças, café da manhã, meditação, leitura do evangeleo para as crianças, atividade pedagógica, lanche, brincadeira livre, almoço, hora do soninho, banho, oficina pedagógica, hora do jantar, recepção das crianças para aguardar os pais na buscar.
> No meio de toda essa rotina diária surge os questionamentos na minha cabeça sobre o que eu quero para meu futuro. Se eu estou realizada naquilo que estou fazendo e o mais importante se eu estou conseguindo passar as crianças os ensinamentos de forma clara, para ajudar no desenvolvimento delas.
> Por fim, vejo que ainda há divergências entre a teoria e a prática realizada dentro da sala de aula.
> Saio da escola as 17:30, pego as crianças, corro para pegar ônibus, realizo a troca no terminal. Chego ao meu destino final as 19:00 e começa a rotina de mãe e dona de casa. Banho nas crianças, fazer jantar, por crianças para dormir, tomar banho, arrumar as mochilas p/ o outro dia, e só as 22:30 me deito para descansar.

Esse texto, Antonio, é revelador da ausência das leituras prévias solicitadas para os encontros de mediação. A Literatura é um bem incompressível, você afirmou. Sim, não há ser que viva sem estar mergulhado no processo de fabulação, entretanto, a leitura do texto escrito para profissionais que deveriam atuar como mediadores compete com a carga exaustiva de trabalho em sala de aula, com a maternidade, com a janta por fazer. Apesar dessa rotina, a professora ainda encontra tempo para questionar a sua prática pedagógica e se preocupa em conseguir dialogar com seus estudantes. “O que eu quero para o meu futuro”, ela se pergunta. Sem tempo para definir uma resposta, a professora se deita às 22h30 para descansar do dia que se iniciou às 4h da manhã.

Nós, que amamos literatura e que temos tempo para seguir com nossa formação leitora, saímos dessa experiência de Formação Continuada certas de que é preciso, se desejamos fomentar a leitura nas escolas, ofertar espaço de vivência e de fruição literária para os/as docentes da Educação Básica. A maioria deles/as não precisa de receitas mágicas para aplicar em suas aulas, o que faz falta é o tempo da “degustação” da palavra literária, de suas figuras de linguagem, das incertezas humanas postas na ficção. Formamos, na universidade, profissionais que conciliam trabalho e ensino superior. Pessoas que escolhem licenciatura por ser menos concorrido ou por ser uma alternativa mais barata.

Sujeitos massificados pela desigualdade social, a maioria, sem a memória afetiva de ter sido uma criança ou uma adolescente proprietária de um livro. Se queremos que a literatura seja tomada como imprescindível, precisamos encarar esses obstáculos que atravessam a vida docente, dando espaço para que ela seja mediada na vida desses/dessas profissionais para que, a sua afirmação, Antonio, passe a fazer sentido a eles/elas assim como tem feito sentido para nós, autoras deste texto reflexivo. Uma francesa escreveu há pouco que talvez antes de mais nada sejamos animais poéticos (Petit, 2024). E somos seres de linguagem, seres fabuladores, seres poéticos! Somos nutridos por histórias, por invenções!

PARTINDO: INDO EMBORA, SEM A MALA

Depois de alguns pousos, voamos ou entregamos a você um voo. A literatura, matéria desses pousos, é complexa, você nos disse, Antonio! E a vida humana também. E a literatura nos chega por meio de objetos autônomos, nesse caso, um diário e dois contos. O modo como essas obras expressam emoções individuais e grupais trazendo um conhecimento difuso da natureza humana nos toma nas leituras feitas, nos encontros com mulheres professoras nas rodas de leitura e segue repercutindo em nós. O conhecimento gerado pela leitura é difuso, mas não ler, como anuncia Mafalda na epígrafe desta reflexão, coloca-nos a mercê do que outros dizem.

Quando iniciamos essa escrita, tínhamos em mãos o registro de um diário de campo e textos escritos pelas 28 docentes que participaram da Formação Continuada. Sabíamos que precisávamos escrever/refletir sobre as mediações literárias partilhadas com elas. Havia em nós a emoção do resultado, um resultado, talvez, mais significativo para nós do que para as professoras do CEIM. Para materializar a reflexão, nos debruçamos em materiais teóricos de estudiosos como Paulo Freire, Michele Petit, Roland Barthes e, obviamente, você.

Pegamos na sua mão, Antonio. Você foi o escolhido para ser o nosso primeiro (queremos também conversar com as professoras) interlocutor nessas reflexões. Você, que nos convida a viver a literatura e suas relações sociais, fez sentido para nós, porque nos encontrou leitoras tanto do clássico quanto ~~e~~ do que a academia insiste em chamar de periférico, legitimando sempre que há uma arte central, autorizada, em volta da qual transitam outras expressões poéticas para as quais, nem sempre, a teoria literária oferece ferramenta de análise.

Somos seres fabuladores. Então, nós, mulheres adultas, professoras, podemos ler literatura juvenil? Podemos construir sentido com um conto como "Tchau". Aqui, falamos sobre "um livro para adulto e dois contos para jovens". Os três textos fizeram sentido para as professoras. Entendemos que numa formação continuada sobre/com literatura, as professoras têm o direito a serem nutridas também com textos para elas. Por isso, *Quarto de despejo*: Diário de uma favelada entra na nossa formação. A professora vai encontrar modos de afetar o outro se foi afetada pela arte.

Afetamo-nos pela arte, pois somos animais poéticos (Petit, 2024). Por sermos animais poéticos temos o direito a nos nutrirmos com a linguagem literária. É, professor Antonio Candido, a literatura já era imprescindível para nós quando nos debruçamos sobre seu pensamento e temos repetido e buscado estratégias para que ela de fato esteja presente também na forma de livros nas escolas, dialogando tanto com professoras como com estudantes.

Como organizar esse momento privilegiado de interação com a complexidade do ser humano e da literatura? Escolhemos a roda de leitura. Funcionou! Que textos selecionar? Definir uma obra é tarefa, árdua, aponta Ramos (2015, p. 25), pois muitas são publicadas e premiadas. E como conhecer e quais privilegiar? Aquelas cuja potência nos afeta, a nós, mediadoras, e ao nosso grupo. Aquelas que têm elaboração artística da linguagem, que são artísticos. Nessa formação, pensamos sobre que textos levaríamos? Aqueles que nos inquietam? Que nos afetam?

Frente a cada personagem, a cada conflito, nossas reações são distintas. A identificação com a protagonista foi um ponto alto. As mulheres se viram na vida de Carolina ou viram traços da rotina de Carolina nas suas vidas. Ponto para o texto. As professoras mulheres se viram na mãe do conto "Tchau" que saiu de casa sem os filhos. As professoras escreveram a sua leitura, fizeram o exercício de se colocar na ficção e registrar! Não olhamos para o tipo de narrador, a construção do cenário ou mesmo não organizamos algo fora do texto como uma maquete com a favela ou um esquete teatral. **A leitura literária, no nosso entendimento, é para viver o texto**. Não para trazê-lo como pretexto para fazer algo.

A formação continuada e todos os textos lidos ainda repercutem em nós. Essa tal de literatura infantil e juvenil, quando é literatura, conversa também com adulto. Por exemplo, as duas professoras, pesquisadoras, ficam inconformadas com o modo como um pai e uma mãe falam com a filha sobre seus desejos, sobre o casamento e sobre o fim do casamento e se calam frente ao filho!

Queremos escrever a história de Rebeca e de Donatello. Queremos saber de Guilherme que agora mora em Pelotas! Pensamos sobre a ética de Carolina não revelar o nome do pai de Vera! É mais do que pensar, nos ajoelhamos para Carolina! Que ética e estética têm essa mulher autora?! E assim é ler literatura. **Ao ler a arte, a gente se lê, a gente se escreve, se apaga e se reescreve**. Porque afinal, Antonio, o que importa mesmo, mesmo é ler literatura para viver! Por isso, estamos agarradas ao desejo de colocar suas ideias em prática.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia **Tchau**. 19. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: 34, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Editora Ática, 2014.

NEITZEL, Adair de Aguiar; RAMOS, Flávia Brocchetto. A leitura do literário como experiência artística e estética. In: CARVALHO, Mário de Faria; BRACCHI, Daniela Nery; PAIVA, André Luiz dos S. (org.). **Estéticas dissidentes e educação**. Recife: Editora UFPE, 2022. p. 21-41. Disponível em

https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook_esteticas-dissidentes.pdf Acesso em: 20 nov. 2024.

NIGRIS, Elisabetta; CARDARELLO, Roberta; LOSITO, Bruno; VANNINI, Ira. Ricerca-Formazione e miglioramento della scuola. Il punto di vista del CRESPI. **RicercAzione**, v. 12, n. 2, dicembre 2020. DOI: https://doi.org/10.32076/RA12210

PETIT, Michèle. Somos quizá ante todo animales poéticos. **CONJECTURA:** Filosofia e Educação, v. 29, n. 1, p. e024001, 2024. Disponível em: https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/11727 . Acesso em: 9 nov. 2024.

PINHEIRO, Alexandra Santos; RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura e formação continuada de professores**: desafios da prática educativa. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

RAMOS, Flávia Brocchetto. Por que literatura? *In.*: Ramos, Flávia B.; Panozzo, Neiva. **Mergulhos de leitura**: a compreensão leitora da literatura infantil. Caxias do Sul: EDUCS, 2015. p. 21- 30. Disponível em https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/mergulhos_ebook.pdf Acesso em: 9 out. 2025.

RAMOS, Flávia Brocchetto; MARANGONI, Marli Cristina Tasca; ANDREAZZA MACIEL, Rochele Rita. A leitura literária: um convite para desdobrar(se). **Perspectiva**, v. 34, n. 3, p. 1015-1032, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2016v34n3p1015 . Acesso em: 22 jan. 2026.

REZENDE, Camila Ribeiro. Escrita Epistolar – cartografias de uma epistemologia feminista. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, n. 5, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i5.1444. Disponível em: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1444. Acesso em: 21 jan. 2026.

Recebido em: 1 de Novembro de 2025
Avaliado em: 26 de Fevereiro de 2026
Aceito em: 19 de Setembro de 2026

A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site https://periodicos.set.edu.br

1 Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Concluiu pós-doutorado na Universidad de Jaén (2012-2013) e na Universidad de Salamanca (2018-2019). É professora titular da Universidade Federal de Dourados UFGD. Integra os grupos de pesquisa Núcleo de Estudos Literários e Culturais – UFGD e Poéticas do Imaginário e Memória – UNIOESTE e Crítica feminista e Autoria feminina: cultura, memória e identidade - UFGD. Também integrante do GT A mulher na Literatura e é Bolsista de Produtividade em Pesquisa - PQ2. alexandrapinheiro@ufgd.edu.br. https://orcid.org/0000-0002-4119-4740

2 Doutora em Letras, ênfase em Teoria da Literatura pela PUCRS. Graduada em Letras e em Biblioteconomia pela Universidade de Caxias do Sul. Atua na Universidade de Caxias do Sul-RS, nos programas de Pós-graduação em Educação e em Letras e nos cursos de graduação em Biblioteconomia, Pedagogia e Letras. Coordenadora Curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil (EAD). Pesquisadora CNPq e líder do grupo de pesquisa Observatório de leitura e de literatura – OLLI. ramos.fb@gmail.com. http://orcid.org/0000-0002-1488-0534.

Copyright (c) 2026 Revista Interfaces Científicas - Educação

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.